

# VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampina	1\$20
Semestre, idem	700
Ano, com estampina	1\$50
Semestre, idem	775
Africa e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	504

Redacção, Administração, composição e impressão  
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)  
PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	506
Repetição dos mesmos	502
Anúncios permanentes, contracto especial.	
As obras literarias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

## O TERROR

O que se passou, no Porto, com o jornal a *Montanha*, é um crime repugnante que fica marcando uma época, dando ao mesmo tempo fisionomia e carácter ao regime em cuja vigência elle se tornou possível.

Não pôde haver, em consciências sãs, duas opiniões diferentes: Aquilo foi uma infâmia.

Toda a gente que, por quaisquer circunstâncias, era obrigada a manifestar-se, reprovou o acto, e só o sr. secretário de Estado do Interior, a quem mais corria obrigação de lavar um retumbante protesto, se perdeu em evasivas confusas e se distraiu em considerações que tiveram tanto de frívolas como de ameaçadoras...

E todavia o sr. secretário de Estado do Interior bem sabe que o facto não é esporádico, antes denuncia um estado endêmico de perseguição e de crime, que de há meses a esta parte se vem manifestando numa liberalidade, que chega a ser incompreensível.

Segundo vejo pelo relato dos jornais, tenta-se atenuar o efeito da infame selvageria praticada contra um órgão de opinião republicana, attribuindo-a a... republicanos, que teriam lançado mão de um grosseiro artificio para comprometer as autoridades e especialmente a policia!

Sé quem for inteiramente destituído de senso poderá tomar a sério semelhante mistificação. Como já notei, o facto não é novo, e aqui, em Lisboa, capital da Republica e sede do governo, se tem dado casos semelhantes, embora, é claro, com menos cinismo nos intuitos e menos crueldade na execução.

Toda a gente sabe o que succedeu com o jornal *República* que, numa noite, pelo simples facto de ter publicado um manifesto do sr. dr. Bernardino Machado, teve a sua redacção invadida, os seus redactores presos, os seus arquivos remexidos e alguns dos seus moveis despedaçados, e está bem viva na memoria de toda a gente a repugnante cilada ha poucos dias levada a cabo pela policia contra cidadãos pacificos, que no Centro Evolucionista ouviam, tranquilos e despreocupados, uma conferencia filosofica, onde se não soltou uma única frase de critica doutrinaaria sequer contra o actual governo ou os seus homens. Um rapaz na força da vida, em plena mocidade, foi cobardemente assassinado a tiro, e toda uma assembleia constituída por antigos ministros, professores, estudantes, cidadãos de varias profissões e officios, foram conduzidos aos encontros em levás, como di-colos, para os calabouços do Governo Civil e, em seguida, para as prisões de Monsanto.

Todo se remexeu, então, no Centro Evolucionista e na redacção da *República*, que lhe ficava ajeza. Aprenderam-se papéis,

destruíram-se o telefone e outros objectos de uso corrente, e foi tão grande a fúria dos agentes da ordem que nem o meu consultorio, que fica no mesmo prédio, mas inteiramente á parte, escapou á vistoria selvagem que tudo revolteu. Os meus papéis foram saqueados, roubados alguns objectos de uso clinico e tamanhos foram os estragos que causaram nos meus manuscritos, subvertendo a classificação e a ordem em que eu os tinha, que melhor fôra que lhes ch-gassem um fôforo, dando definitivamente cabo de tudo.

Também dessa vez foram republicanos que, para comprometer as autoridades e o governo, ocasionaram toda aquella barafunda digna de cafres? Não. Toda a gente sabe muito bem que foi a policia que fez tudo aquilo, e se alguém tiver dúvidas sobre o seu inclassificável procedimento, ficará elucidado ao notar que ella mesma, assombrada, no final, pela retumbancia da própria façanha, não deixou que a imprensa a relatasse, mal permitindo algumas leves referencias aos jornais que, beneficiando de uma domesticidade deprimente, o fizeram garantidos pela chancela official.

O atentado, como é sabido, foi consumado por toda a gente, e, então, os poderes constituídos, atrapalhados, procuraram na evasiva e na mistificação a defeza daquilo que, no fundo, a eles próprios vexava.

Uma nota officiosa, entre outras coisas, disse que na sala do Centro Evolucionista tinham aparecido pistolas e balas de espingarda! Convidados a enumerar detalhadamente essas munições, e a dizer o local preciso onde tinham sido encontradas, os poderes constituídos calaram-se, porque reconheciam, embora tardiamente, que ninguém era tão ingénuo ou tão imbecil que acreditasse que na sala principal de um Centro, sempre aberta ás vistas de toda a gente, pudesse existir depósito de armas para fins revolucionários. E tanto a policia se enrolou nas dobras da sua própria fantasia, que nem sequer tornou responsável alguém pela existencia dessas armas, nem sequer a tal respeito se instaurou qualquer processo.

Os dois atentados contra a *República* ficaram impunes. Impune ficou idéntico atentado contra o *Mundo*. Igualmente não houve castigo para tantos outros crimes e violências que se tem cometido por esse país além em nome da Republica Nova, contra os indefectíveis adeptos da Republica Velha.

Estão, portanto, tirados os antecedentes.

Não sei quem praticou a infâmia do Porto. Nem sequer tenho indícios para o poder supôr. Não faço insinuações a ninguém. Só quero frizar bem alto, neste momento, que os republicanos tem

sido as victimas constantes da tirania que reina em Portugal, a cada passo esbulhados de direitos elementares que conquistaram á custa do seu sangue.

Nada de derivações, de sofismas, de subterfugios. Se não querem castigar, com pulso de ferro, quem delinuiu, não o façam. Nós já estamos habituados a tudo. Mas, ainda por cima, attribuir á vitima os intuitos de algoz, será levar a ironia e o desdem muito longe e fazer do escárneo um instrumento de governo singularmente irritante.

Todavia parece que é para aí que se vai. O sr. secretario de Estado do Interior, na Câmara dos Deputados, em lugar de dar ao país a impressão forte de que castigaria, com todo o rigor das leis, que são mais do que suficientes, os criminosos que perturbam a sociedade com atentados desta ordem, preferiu advertir-nos á todos de que levará ao parlamento um projecto de lei que confira ao governo exceptionais poderes a fim de que a repressão da desordem se faça pelos processos mais violentos que seja possível decretar.

Tal e qual. O jornal donde transcrevo estas palavras diz que as apanhou *quasi textualmente*. O que quer dizer que, pelo menos, a ideia está fielmente reproduzida.

Todos nós compreendemos muito bem e podemos avaliar dos perigos que nos ameaçam.

Pelo tom de arrogancia que o sr. secretario do estado do interior, que parece ser o dirigente e o chefe do governo, pôs na sua afirmativa, terríveis momentos nos esperam a todos nós que somos os paladinos e os defensores da Republica Velha, que, a despeito dos seus erros, é a realização das aspirações da nossa mocidade, é a concretisação de um ideal de reabilitação, e que, comparada com o que para aí se vê, vai atingindo, pelas justificações do confronto e pelas purificações do martirio, o estado ideal de uma beleza quasi perfeita.

Os processos mais violentos que seja possível decretar!

O que poderá ser isto? Talvez a pena de morte para os delictos politicos.

A pena de morte!... E como para nós, republicanos, tratados como cães, enclausurados, dispersos, foragidos, abandonados, será honra demasiada o fusilamento, que espécie de morte nos reservam? As chamas que devoraram o edificio da *Montanha* fazem uma evocação suggestiva ás fogueiras da inquisição. Mas a violencia com que nos sufocam a voz na garganta, depõe em favor da força iniguelista para que de há muito existe já a imprescindível guarda de honra de caceteiros, que, como os do absolutismo, são eminentes na função de nos dar a liberdade á mocada... Eis aí, certamente, um importante problema para o governo, que, não se julgando ainda suficientemente merecedor da corôa civica, deseja dar mais esta prova de amor pelos principios.

António José de Almeida.

## Feiras de S. Gualter

Quando, em 1906, a Direcção da Associação Comercial tomou a patriótica iniciativa de realizar a Festa da Cidade, que traria a Guimarães numerosos visitantes a admirarem os seus monumentos históricos, as belezas da sua paisagem e o progresso das suas industrias, aproveitou-se da antiquissima feira de S. Gualter, outrora duma grande importancia, mas naquela época numia deploravel decadencia.

As GUALTERIANAS foram um dos mais belos empreendimentos da moderna Guimarães e o seu intuito teve um exito superior a toda a expectativa: foi enorme a concurrencia de forasteiros e a feira de S. Gualter voltou a ter a importancia que a tornou notável noutros tempos.

Ficou, pois, a Associação Comercial com o encargo de realizar a FESTA DA CIDADE, promovendo sempre, e especialmente, a importancia progressiva da feira de S. Gualter.

Nos ultimos tempos, pelas circunstancias que todos conhecem, as Gualterianas não têm tido o esplendor que as caracterisou no primeiro decênio da sua existencia, mas as feiras francas de S. Gualter, pela concurrencia de magnificos exemplares de gado bovino e cavalari, pelas transações que se realizam, com o concurso da comissão de remonta do exercito, pelos belos festivais do Campo da Feira, pelo grande numero de forasteiros que visitam nesses dias a velha e progressiva cidade de Guimarães, continuam a merecer, por parte da Direcção da Associação Comercial, toda a solitudine que lhe é imposta pelo exemplo dos seus antecessores e pelo seu brio patriótico na promoção de tudo que possa contribuir para o engrandecimento desta terra.

Assim, neste ano de 1918, a Feira de S. Gualter terá certamente uma importancia ainda maior que todas as que se tem realizado desde 1906, porque é especialmente para este fim que a actual Direcção envida todos os seus esforços e o melhor da sua vontade, ampliando a feira ao gado ovino e suino e concedendo prémios no valor de 316\$00, quantia muito superior á dos outros anos.

### PROGRAMA

#### Dia 3

*Alvorada*.—Uma salva de tiros e bandas de musica anunciarão o 1.º dia das feiras francas de S. Gualter, repetido-se ao meio-dia.

*Feira de gado bovino, ovino e suino*.—No Largo da Republica do

Brasil (Campo da Feira) terá lugar a grandiosa feira, uma das mais importantes do País, que este ano tem a melhora-la e a chamar-lhe maior concurrencia os novos prémios as classes pecuarias de gado bovino e suino.

Às 5 horas da tarde, reunirão os jurís para a classificação dos exemplares expostos de gado bovino, ovino e suino.

Na hora da classificação do gado tocará uma banda de musica no local.

Às 10 horas da noite, será abrihantado o local do Campo da Feira com uma banda de musica.

#### Dia 4

*Alvorada*.—Uma salva de tiros e duas bandas de musica percorrerão as ruas da cidade.

*Feira de gado cavalari*.—A Comissão da Remonta do Exército fara a escolha do gado, sendo conferidos prémios aos melhores expositores, em harmonia com este concurso, e pelo meio-dia o jurí reunirá para a classificação.

À mesma hora tocará no local uma banda de musica, do meio-dia as 2 da tarde.

Das 2 ás 4 da tarde abrihantará o local uma banda de musica.

*Arraial*.—À noite haverá arraial, que constara de brilhantes iluminações no Campo da Feira com fogo de artificio e duas bandas de musica.

#### Dia 5

*Continuação da feira de gado cavalari*.—A Comissão de Remonta do Exército continuará a fazer escolha de gado.

*Distribuição dos prémios*.—Pelo meio-dia, proceder-se-ha solenemente, no local da feira, á distribuição de prémios a todas as classes de gado premiado. Este acto será annuciado por uma salva de tiros e uma banda de musica, que tocará no decorrer da distribuição.

À noite.—Pelas 10 horas tocará uma banda de musica no mesmo local, terminando assim a grandiosa feira franca de S. Gualter.

## Condecoração

Com a medalha de ouro, por comportamento exemplar em campanha, acaba de ser condecorado o sr. tenente-coronel de infantaria 20, José António de Araujo Junior.

Não nos surpreendeu o facto, pois de há muito nos habituámos a considerar o illustre official, actualmente no front a comandar o 1.º batalhão do nosso regimento, como dos de maior valor pela sua cultura, pela sua energia, pelo seu patriotismo e pelo seu espirito de disciplina.

## Agravamento de contribuições

Foi ultimamente publicado um decreto elevando as contribuições industrial e suntuária, a fim de fazer face ao crescente aumento das despesas públicas, provenientes do estado de guerra.

**O QUE CAUSA A GANANCIA  
Libras... de vidro**

Refere o «Comércio da Póvoa de Varzim», nosso presado colega:

Entre o nosso concelho e Espozende há uma raça de traficantes de cereais cujos crimes, neste momento que passa, só eram pagos com a guilhotina!

A costa é ampla, de fácil saída para o mar em qualquer parte, e por isso é difícil a fiscalização dar com estes bandoleiros que se esquecem do estado precário de cereais em que se encontra a nação.

Corre lá muito que é por este lado que os submarinos são abastecidos de mantimentos que pagam generosamente.

Nem o confirmamos, nem o negamos. O que garantimos como certo, é que por esta parte da costa portuguesa se escoa uma grande quantidade de milho e centeio que os hespanhoes vem buscar em *traineiras* e que pagam por bom preço. Isto é certo — apontando o povo os nomes dos traficantes sem rebuço!

E contudo não há quem procure pôr cõbro a esta infâmia, investigando-se para castigar com severidade os traficantes.

Há perto de dois meses que se dizia que o milho para os *submarinos* era pago em ouro, a razão de uma libra por alqueire!

A ambição subiu de rubro, tacto no lavrador como intermediários. As libras, doiradinhas, faziam tentar...

Entretanto o povo gemia com fome, impossibilitado de adquirir um alqueire para as suas necessidades!

Mas eis dum momento para o outro o milho desce um pouco de preço...

Causou espécie esta descida! Pois se os campos estão uma miséria, prevendo-se um ano péssimo, donde proveio este milagre?

Soubes-se então, que os traficantes tinham levado um grosso caranbolim.

Vieram duas *traineiras* carregar para os lados de Apulia. O preço era uma *libra em ouro* por cada alqueire!

Tudo ganhou, a todos! No fim, os hespanhoes fizeram entrega das librinhas, muito lindas, todas novinhas em folha.

Abraços, sorrizosos — boa viagem!

Passam-se dias. Um deles precisa de trocar uma para governo de casa. Vai ao ourives.

Desconfia-se de tanta formosura e procede-se ao toque.

Vem o assombro: a libra, a riquinha libra, é de... vidro!

Muito bem feita, com uma cobertura de ouro leve, engana quem não conhecer de ouro!

— *Valê três tostões!* — lhe diz o ourives.

— *Só isso dágio?*

— *Agio e libra!* E' vidro. Só a *casquinha vale dinheiro!*

O homem correu alvoroçado a dar a nova aos outros...

Os hespanhoes voltaram. Querem mais milho e pagam em notas de banco para evitar coisas...

Os traficantes, escaldados, dizem que as notas também podem ser falsificadas...

E o negócio paralisou, entretanto, por desconfiança.

Eis porque o milho baixou um pouco...

**Uns tristes pais...**

Mal teriam arrefecido na sepultura os despojos mortais da sua querida Dulce, inesperadamente roubada aos extremos do seu amor e das suas esperanças e já um novo golpe lhes anavahava, se é possível, mais fundamente o coração!

A Alda, a estremecida primogénita, no esplendor das 20 primaveras e prestes a concluir um brilhante curso para o magistério, lá lhes foi também arrancada por um brusco repêlão da Morte!

Pobres pais! Quanto nos penaliza vêr assim desfeito pelo vendaval do infortúnio o lindo sonho, que amoravelmente vinham entretecendo em torno da sua Dulce e da sua Alda, para cujo futuro não se poupavam aos máximos sacrifícios!

Como nos confrange a alma vellos num desespero, que só a Religião mitiga, a pensar como o poeta:

Nadam mil vidas numa gota d'agua;  
Do polen duma flor brotam mil flores!  
E ao coração dum pai dão-se estas máguas  
E á alma duma mãe dão-se estas dores!

Confortamos os desolados pais, sr.<sup>as</sup> D. Maria Miranda de Barros e Alberto Ferreira Guimarães, com lembrar-lhes o conceito dum filósofo antigo: *Se se juntassem num grande montão todas as infelicidades e misérias para se proceder a uma divisão por igual, cada um preferiria ficar com as que tem* — como quem diz que, por muito infelizes que sejamos, há sempre neste mundo quem o seja mais.

E' uma lei o sofrimento. E' um bálsamo a resignação e a confiança em Deus.

**ALDA DE BARROS FERREIRA  
Missa de sufrágio**

Os seus antigos companheiros no Grupo Scénico da Juventude Católica desta cidade, querendo mais uma vez testemunhar o seu profundo sentir por tão inesperado desenlace, mandam resar na próxima segunda-feira, 6 do corrente, na Basilica de S. Pedro, pelas 11 horas, uma missa sufragando a alma da saudosa extinta.

**Alto Comissário do Governo**

O nosso respeitável amigo, sr. major Alberto Cardoso Martins de Menezes, foi nomeado alto Comissário do Governo no distrito do Porto.

Rejabilam os seus patrícos vimaranenses (é s. ex.<sup>a</sup> filho do venerando titular e antigo Par do Reino/sr. Conde de Margaride) ao verem devidamente aquilatados os altos dotes de inteligência, trabalho e honestidade do ilustre major, que no serviço da Pátria, no continente e em terras de além-mar, se tem assinalado exuberantemente.

Cumprimentamos a s. ex.<sup>a</sup> e apraz-nos registar que as nomeações assim ajustadas, mais honram quem as faz do que exaltam quem as recebe.

**ANIVERSÁRIO**

Fez ontem anos a menina Urmandina, estremosa filha do nosso amigo sr. Joaquim P. de F. Pires e sobrinha do nosso presado amigo sr. João de Deus Pereira, ilustrado correspondente desta cidade para o «Primeiro de Janeiro».

**O «Comércio de Guimarães»**

Este nosso colega, a quem no passado número fizemos uma ligeira parenese, diz que uns pequenos incómodos de saude não deixaram que nos respondesse logo logo.

Felicitemos pelo pronto restabelecimento e declaramos que bem poderia ter-se dispensado de responder em tempo algum. Tanto mais que uma *resposta* supôu uma *pergunta*. E nós não lhe tínhamos perguntado coisa nenhuma.

Mas enfim... botou resposta. Está no seu direito. Nós, como não andamos a foguetes, é que não estamos para mais *respostas*. Dámonos por entupidos quasi até ao perigo duma colite.

Sómente para despedir havemos como reproduzido o artigo «Mania» do nosso número 142, em que introduzimos o belo trecho de Rodrigues Sampaio, e remetemos os leitores, que ainda não tenham *saboreado* a resposta do «Comércio», para o número 3.248 do mesmo.

Permittino-nos também a liberdade duns ligeiros comentários á tal resposta para elucidação de qualquer infeliz amator das boas letras ao qual tenha sido impossível *haver á unha* o não vulgar «Comércio».

Os comentários são estes muito serena e amigavelmente feitos:

O respondente mostra não ter percebido por que foi censurado e por isso escreve desconexamente coisas sem tom nem som, mistura alhos com bogalhos, aduz incongruências e despropósitos, descamba para o campo do vizinho e afirma, salientando-a, a sua catolicidade; mas regosija-se se lhe chamarem parvo («ólha que espiga se não fôssemos parvo!» exclama éle) e reconhece-se por fim muitissimo obrigado.

Ora com um reu confitente e, demais a mais, agradecido seria barbaridade jogar estocadas.

Portanto em paz, mas não ás môscas!

**TEMPO DEPOIS...**

do Alberto A. Vieira (Braga).

Nessa sala algo pequena  
Do domicilio onde moras,  
Uma vez, deu-se uma scena  
— Seriam umas 13 horas.

De Junho o dia primeiro.  
— Que intenso calor fazia!  
Entreí feliz, prazenteiro,  
Radiante de alegria!

E recebeste-me, então,  
Com um abraço apertado.  
— E que forte sensação,  
Ao teu peito aconchegado!

Assentimo-nos, é certo,  
No sofá bom, de setim.  
Ao teu lado fiquei perto,  
Tu muito junto de mim.

Fitámo-nos e, em seguida,  
Entrelaçamos as mãos.  
Previmos casos da vida,  
Meigamente, como irmãos.

Reproduziste-me um sonho,  
Dissertei do meu pensar:  
Um futuro bem risonho;  
A felicidade de um lar;

Uma casinha caída,  
Entre flores, roseirais,  
Com a frente ao Sol voltada  
E ninhos pelos beirais...

E logo (já tinha o rosto  
Mesmo unidinho ao teu)  
Depuzeste — e com que gosto!  
Um beijo no rosto meu.

E disseste-me ao ouvido:  
— Faz-me versos a este beijo?

E como estou resolvido,  
Hoje, atendo ao teu pedido,  
Satisfazendo o desejo!...

Viana do Castelo, Julho de 1918.

Leão Martins.

**Correio das salas**

Partiu para Vila do Conde, com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso ilustre confratâneo sr. dr. Henrique Cardoso de Menezes (Margaride).

Seguiu hoje para Vizela, onde conta demorar-se todo o mês corrente, o sr. Bernardino Rebelo Cardoso de Menezes.

De regresso do Rio de Janeiro, chegou ante-ontem a Guimarães o sr. José António Fernandes Guimarães, nosso estimado confratâneo e importante proprietário e capitalista. Afectuosos cumprimentos.

Regressou de Lisboa, aonde fôra tratar de interesses do nosso concelho, o sr. dr. Rocha dos Santos, digno presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal.

Esteve uns dias incomodado o nosso amigo sr. António Vieira de Andrade, zeloso empregado da tesouraria de Finanças deste concelho.

Chegou ontem da Póvoa de Varzim, a sua casa do Pombal, acompanhado por sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso distinto amigo sr. Manuel Vitorino Guimarães.

Tem estado em Lisboa o sr. José Jacinto Júnior, considerado capitalista vimaranense e sócio da importante fábrica do Castanheiro.

**NECROLOGIA**

Na cidade do Porto, para onde tinha ido afim de ser novamente submetido a uma operação, succumbiu o nosso amigo e confratâneo sr. Manuel Vieira de Castro Brandão, antigo negociante de ourivezaria.

A sua morte causou dolorosa impressão nesta cidade, onde o saudoso extinto contava vivas simpatias.

Pezames á entulada familia.

**Missa em acção de graças  
CONVITE**

A meza da Confraria de S. Sebastião de S. Dámazo, tendo conhecimento da chegada a esta cidade do sr. João António da Silva Guimarães, filho do digno mezarío sr. José António da Silva Guimarães, o qual permanecêra por largos meses no *front* como sargento do Corpo Expedicionário Português, resolveu mandar celebrar uma missa em acção de graças.

O Santo Sacrifício realizar-se-há no domingo, 4 do corrente, ás 10 horas da manhã, pedindo-se para ele a assistência dos parentes e amigos do recémvindo, fineza que desde já muito agradece

A MEZA.

**ANUNCIO  
Éditos de 30 dias**

No Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 3.<sup>o</sup> officio, abaixo assinado, correm seus devidos termos uma acção de divórcio em que foi autora Aurora d'Assunção, casada, domestica, do largo da Oliveira, desta cidade e ren seu marido José de Afonseca, o «Barrimental», auzente em parte incerta.

E nesse mesmo processo correm Éditos de 30 dias, que principiarão a contar-se depois da 2.<sup>a</sup> e última publicação do respectivo anúncio, citando o mesmo José de Afonseca, o «Barrimental» para no prazo de dez dias, passados que sejam os éditos, pagar a quantia de 92842,1 de custas contadas e em divida a este Juizo, ou nomear bens á penhora sob pena de ser devolvido o direito de nomeação ao M.<sup>mo</sup> Dr. Delegado e de a execução proseguir nos termos regulares até final pela quantia exequanda e custas que acrescerem.

Guimarães, 5 de Julho de 1918.

Verifiquei:  
O Juiz de Direito,  
Santos.  
O escrivão ajudante,  
Antonio Pereira.

**“ATLANTICA,,  
Companhia de Seguros  
SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA**

Capital social....	Esc. 500.000\$00
» realizado.	» 50.000\$00
Fundo de reserva	» 150.000\$00

**SÉDE: LOYOS, 92 — PORTO**

Recetta de 1914....	Esc.	36.988\$03.5
» » 1915....	»	71.197\$29.3
» » 1916....	»	537.897\$91.6
» » 1916....	»	3.139.401\$22

Sinistros pagos em 1914	E.	28.601\$41
» » 1915	»	25.903\$15
» » 1916	»	153.470\$90.5
» » 1917	»	1.427.035\$74

AGENCIAS EM FRANCA, INGLATERRA, NORUEGA, SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo. — Seguros contra fogo e roubo. — Seguros contra grèves e tumultos. — Seguros agricolas.  
Seguros contra quebra de cristais. — Seguros de guerra.  
Seguros marítimos e postais. — Seguros contra inundações e enxurradas.

**CONSELHO DE ADMINISTRACÃO**  
Manuel Joaquim de Oliveira  
Dr. José Maria Soares Vieira  
Silvino Pinheiro de Magalhães  
Dr. Leopoldo Correia Mourão  
Jaime de Sousa | Directores

*Agentes em todas as terras do pais*  
Commissarios de avarias em todos os portos do mundo  
**DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES**  
Passeio da Independencia, 102 a 105

**Instrução primária do 2.<sup>o</sup> grau**

Foram nomeados para presidir aos exames de instrução primária do 2.<sup>o</sup> grau, que em breve começará nesta cidade, os nossos respeitáveis amigos e distintos correligionários srs. dr. António Francisco Portas, ilustre caudilho e professor do Liceu e Manuel A. Ribeiro de Miranda, dignissimo inspector deste circulo escolar.